



CENTRO DE ARTE MODERNA  
GULBENKIAN

**Luiz Vaz 73**

# Luiz Vaz 73

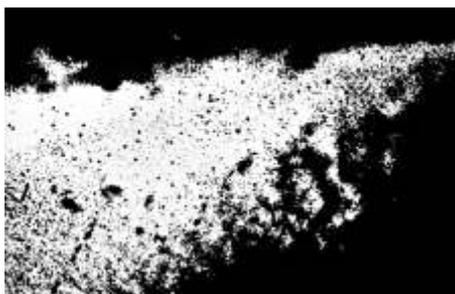
**Ernesto de Sousa e Jorge Peixinho**

Improvisação instrumental ao vivo do  
Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

**2 junho, 18:00 e 20:30**

Palco do Grande Auditório  
Fundação Calouste Gulbenkian

**Legenda da capa:** Diapositivo da série «Letras ("Lira Destemperada")», 1975-1981



Diapositivos da série «Abstratos», 1975-1981

No ano em que se comemora o centenário do nascimento do artista multidisciplinar, realizador, curador, crítico e ensaísta Ernesto de Sousa (Lisboa, 1921-1988), o Centro de Arte Moderna, em colaboração com o Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian e com o musicólogo Jaime Reis, apresenta, no palco do Grande Auditório da Fundação, *Luiz Vaz 73* (1975-1981), uma obra *mixed-media* da autoria de Ernesto de Sousa e do compositor, pianista, maestro e professor Jorge Peixinho (Montijo, 1940-Lisboa, 1995). A apresentação marca também a incorporação da obra física e da documentação associada dos dois autores na Coleção do CAM (inv. 19E1908), em 2019, completando assim um ciclo de trabalhos de conservação (restauro, digitalização dos diapositivos analógicos e transcrição digital das fitas magnéticas), de estudo e de reconstituição material e histórica da obra.

O título *Luiz Vaz 73* evoca a obra *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, publicada 400 anos antes em Lisboa, em 1573. Os dez cantos do poema épico estiveram na génese da composição de uma obra de música eletrónica – um «poema sinfónico» eletrónico – com o mesmo título, que Jorge Peixinho realizou em Gante, no Instituto de Psicoacústica e Música Eletrónica, entre 1973 e 1974. No quadro da sua formação neste instituto belga, Peixinho tinha já composto uma das suas primeiras obras eletrónicas, intitulada *Elegia a Amílcar Cabral* (1973), em homenagem ao político e combatente pela independência guineense, assassinado a 20 de janeiro de 1973.

Este presente histórico e político ressurgiu na obra *mixed-media Luiz Vaz 73*, um «envolvimento musical-visual» iniciado em 1975 por Jorge Peixinho e Ernesto de Sousa, com base em quatro dos dez cantos da composição de 1973-1974 acima referida.

A obra colaborativa *Luiz Vaz 73* é simultaneamente um projeto espacial – «tendendo a constituir-se como um “envolvimento”, ou seja, em arte-do-espço» (Ernesto de Sousa no catálogo de *Luiz Vaz 73*, 1976) – e um projeto visual e sonoro, construído a partir de uma coincidência e simultaneidade estrutural entre som/música e imagens/projeções (ou entre imagens visuais e imagens sonoras), ou seja, o encontro dialógico entre uma estrutura visual e uma estrutura musical, a partir de um texto literário.

Com uma forte componente performativa, a obra acontece num espaço «comum», informal e não hierárquico (em oposição a um espetáculo ou concerto tradicional), conceptualizado para receber a matéria visual, a matéria sonora, a presença corporal e a experiência dos espectadores, num envolvimento sensorialmente denso e intenso. A espacialização das fontes sonoras (distribuídas em quadrifonia) e a projeção multidirecional das imagens apelam constantemente à nossa atenção/movimento, ao nosso livre-arbítrio (é preciso escolher) e à nossa imaginação (ou *imaginário*). Na atual reapresentação, devido às restrições impostas pela Covid-19, o público encontra-se sentado no palco do Grande Auditório em lugares pré-definidos, não tendo sido possível recriar a experiência informal de uma circulação livre do espectador no espaço.

*Luiz Vaz 73* incorpora um conjunto de diapositivos a preto e branco e a cores, realizados a partir de fotografias de Ernesto de Sousa, alguns produzidos especificamente para este projeto, outros reciclados de projetos anteriores, gesto que encontramos igualmente na composição musical.



Diapositivos da série «Rocha/Paisagem», 1975-1981

Este conjunto de diapositivos, variável entre as seis apresentações históricas da obra, entre 1975 e 1981, foi organizado em séries temáticas estruturantes – «Rocha/Paisagem», «Mar», «Fogo», «Automóveis», «Corpo», «Cartazes», «Fuga das Ninfas» (que dá origem à obra *Olympia* de 1979), «Areia», «Letras/Poema “Lira Destemperada”» – alternadas ou repetidas entre os cantos.

Nos intervalos ou interlúdios, Ernesto de Sousa traz imagens que intitula de «Arame Farpado», «Guerrilheiro» (alusão às lutas para as independências africanas) e «Confraternização na Guiné» (entre soldados guineenses e portugueses na Guiné).

O artista convoca tanto o «universo» e os seus elementos ou estados da matéria (terra, ar, água, fogo), como, numa referência ao presente e à modernidade, os «monstros» ou a monstruosidade da guerra (ruínas de automóveis), os cartazes políticos que invadem as ruas no período revolucionário e pós-revolucionário (25 de Abril de 1974), a presença intimista e poética do corpo, por vezes em representações eróticas do corpo feminino, ou ainda a palavra escrita-poema que exorta à «gente surda e endurecida» («Lira Destemperada» do canto X de *Os Lusíadas*). A obra termina visualmente com as palavras-imagens «barricada», «difícil poema», «d'amor».

A obra *Luiz Vaz 73* integra, assim, parte de um «arquivo» de imagens construído a partir da relação poética, afetiva, cognitiva e política do artista com o mundo, um «arquivo» que Ernesto de Sousa recicla e reutiliza em outras obras *mixed-media*, como *O Teu Corpo é o Meu Corpo* (1965-1975), *Nós Não Estamos Algures* (1969), ou ainda *Almada, Um Nome de Guerra* (1969-1972), as duas últimas também realizadas com a colaboração de Jorge Peixinho.



Diapositivos da série «Fogo», 1975-1981

Em *Luiz Vaz 73*, as imagens visuais e sonoras evocam simultaneamente o poema de Luiz Vaz de Camões e a história portuguesa contemporânea, onde convergem o passado da ditadura, do colonialismo e da guerra, o presente recente da conquista festiva da democracia e das independências africanas e um possível futuro «absolutamente outro a utopia» (ES, «Camões e o Absolutamente Novo», in *Ser Moderno em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998, p. 257): «do ponto de vista formal interessou-me particularmente a permanente interação entre o passado, presente e futuro e, por outro lado, a oposição entre os níveis históricos e mitológico. Sob uma perspectiva ideológica, procurei fazer projetar sobre a actualidade contemporânea os valores progressistas emanentes do poema» (Jorge Peixinho no catálogo de *Luiz Vaz 73*, 1976). Estas evocações de *Os Lusíadas* e da actualidade contemporânea fazem-se, no entanto, sem renunciar a uma autonomia das imagens, a favor de «uma certa arbitrariedade abstracta, intimista» e de uma livre «polissemia das imagens ópticas e sonoras» (ES no catálogo de *Luiz Vaz 73*, 1976).

Espacialmente, os diaporamas, construídos a partir dos conjuntos temáticos, distribuem-se, no interior de cada canto, por três ou quatro ecrãs, dispostos nos limites laterais do «espaço cénico». A atual reapresentação, que segue o guião do projeto de 1976, apresentado na Galeria Nacional de Arte Contemporânea de Belém, dispõe no espaço quatro telas de projeção (P1, P2, P3 e P4), a última destas de maior dimensão, onde são mostradas, entre outras, as imagens dos interlúdios. A apresentação de *Luiz Vaz 73* em Belém contou também com a colaboração plástica de Fernando Calhau, nomeadamente na conceção do espaço,



Diapositivos da série «Eróticos», 1975-1981

numa das suas versões mais *desenhadas*, que figura no cartaz criado para este evento. O espaço é aqui fortemente marcado por um desenho geométrico e modular que se declina nas estruturas de apoio, como as plataformas para músicos e os ecrãs de projeção (quatro ecrãs em vez dos três adotados nas apresentações anteriores e, possivelmente, nas posteriores). Fernando Calhau tinha já colaborado com Ernesto de Sousa e Jorge Peixinho na obra *mixed-media* – ou «exercício de comunicação poética» – *Nós Não Estamos Algures*, na iluminação e na realização dos cartazes, estes últimos juntamente com Carlos Gentil-Homem. Para a apresentação de Belém foi igualmente publicado um catálogo-brochura com fotografias e textos dos dois artistas, sobre a estrutura visual e musical de *Luiz Vaz 73*, e com texto de Godfried-Willem Raes, intitulado *Revelações Portuguesas no 5.º Festival Internacional de Mixed-Media Gand 1975*, originalmente publicado na *Colóquio-Artes*, n.º 22, abril de 1975.

Na sua componente sonora, para além da composição musical eletrónica gravada, a obra integra improvisação instrumental ao vivo, dirigida originalmente por Jorge Peixinho, com recurso ao regular efetivo instrumental do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (GMCL). Fundado por Jorge Peixinho em 1970, o GMCL terá estado presente em todas as apresentações públicas da obra, embora a sua participação variasse em número e configuração. A improvisação, que acontece sobretudo nos momentos de interlúdio e de passagem entre os cantos, recorre a instrumentos fora das convenções da música erudita ocidental, incluindo «instrumentinhos» (cuja utilização era prática recorrente de Peixinho neste período) e instrumentos tradicionais africanos.



Diapositivos da série «Cartazes», 1975-1981

Na atual reapresentação, sob a direção de Jaime Reis, que tem a seu cargo a realização da difusão espacial da música eletrônica de Peixinho, estão presentes os membros do GMCL Ana Castanhito (harpa), Jorge Sá Machado (violoncelo), José Sá Machado (violino), João Pereira Coutinho (flauta), Luís Gomes (clarinete) e Ricardo Mateus (viola d'arco), que também improvisam com os referidos instrumentos não convencionais (na sua maioria, os originais que Peixinho utilizava). A presença dos músicos e dos instrumentos acústicos no (dentro do) espaço – sobre as plataformas modulares – é também uma presença visual, corpórea e performativa.

Um outro elemento estruturante da obra é o tempo – «tempos de rotura, apoios rítmicos e equivalências espaciais» (ES no catálogo de *Luiz Vaz 73*, 1976) – que a composição musical funda, uma temporalidade ou um tempo que assinala cada um dos quatro momentos, que marca o ritmo da sequência das imagens dentro de cada um deles, e que determina uma experiência da duração total da obra *mixed-media* (cerca de 90 minutos). Os quatro momentos alicerçam-se em quatro dos dez cantos de *Os Lusíadas* – os cantos I, III, IX e X –, os «mais relevantes do poema» (JP no catálogo de *Luiz Vaz 73*, 1976). A composição musical eletrônica inicial de *Luiz Vaz 73*, realizada para a totalidade do poema, nunca terá sido apresentada publicamente.

Um dos elementos formais e documentais centrais da obra é a existência de vários guiões, elaborados pelos dois artistas para as diferentes apresentações. São guiões abertos, com instruções cuja interpretação deixa espaço à subjetividade, remetendo-nos para os *scores* do movimento Fluxus; guiões que determinam a sequência temporal (minutagem), rítmica e temática dos quatro



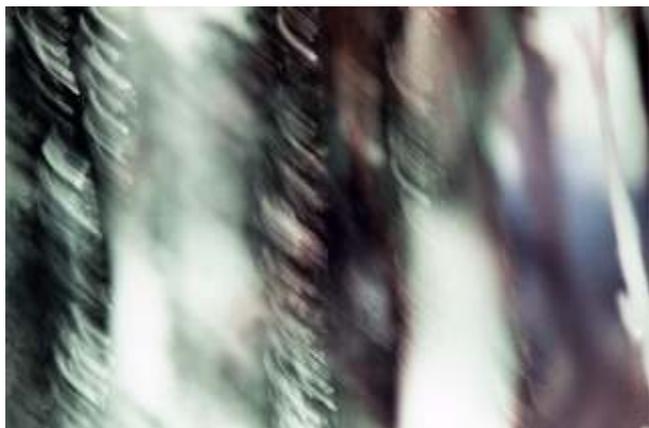
Diapositivos da série «Automóveis», 1975-1981

momentos/cantos que estruturam a obra e os seus interlúdios, mas que deixam em aberto a sequência das imagens dentro de cada tema/projeção e a improvisação instrumental. Sendo historicamente um diaporama – uma projeção de diapositivos analógicos, transferidos para digital na reapresentação atual –, a apresentação das imagens foi também determinada pelas características e limitações do equipamento tecnológico, deixando um maior espaço para a improvisação e para o inesperado.

A obra *mixed-media Luiz Vaz 73* foi apresentada pela primeira vez em janeiro de 1975, no 5.º Festival Internacional de Mixed Media de Gante, na Bélgica. Nesse mesmo ano, em abril, integrou o evento «24 heures communication», no Palais des Beaux-Arts de Bruxelas. Em fevereiro de 1976, teve lugar a primeira apresentação da obra em Portugal, na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Lisboa (então também conhecida por pavilhão-galeria Mercado do Povo de Belém).

A obra foi ainda apresentada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, durante a Semana de Arte na (da) Rua, organizada pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (junho de 1976); no Teatro Garcia de Resende, em Évora, no contexto do Encontro Nacional do Cinema Não-Profissional (junho de 1977); e na Academia de Música de Viana do Castelo no contexto das Segundas Jornadas Internacionais de Música Electroacústica (novembro de 1981).

Postumamente, a obra *Luiz Vaz 73* foi reapresentada na Sala Polivalente do CAM, no âmbito da exposição *Anos 70. Atravessar Fronteiras* (2009), após uma intensa investigação e colaboração, nomeadamente com o compositor e musicólogo Jaime Reis,



Diapositivos da série «Ninfas», 1975-1981

confirmando-se a possibilidade de a preservar e rerepresentar às gerações futuras, num cenário de desaparecimento dos seus autores, e abrindo a porta à sua futura incorporação na coleção do CAM, em 2019.

Passados 12 anos desta última apresentação pública, impunha-se um novo olhar e uma nova leitura curatorial sobre as fontes, a documentação produzida pelos autores (alguma inédita), os materiais físicos da obra (diapositivos e fitas magnéticas restaurados e transcritos) e os suportes tecnológicos (históricos e atuais). A aquisição da obra possibilitou ainda a localização das fitas magnéticas originais de Jorge Peixinho, tornando possível quer aceder à obra musical eletrónica na sua totalidade (datada de 1973), quer identificar as partes dos cantos utilizadas na obra *mixed-media*, a partir de 1975.

A pensar no futuro, para que outros investigadores e curadores possam propor novas apresentações e leituras da obra, foi ainda realizado um extenso registo documental das suas condições de conservação e de reconstituição. Agora, como nos idos anos de 1970, resta-nos ser, de novo, espectadores de «corpo inteiro».



Diapositivo «Guerrilheiro», 1975-1981

**barricada**

**difícil  
poema**

**d'amor**

Diapositivos «barricada», «difícil poema», «d'amor», 1975-1981

# Luiz Vaz 73

Ernesto de Sousa e Jorge Peixinho

Uma produção do Centro de Arte Moderna, em colaboração com o Serviço de Música e com os Serviços Centrais da Fundação Calouste Gulbenkian

## Ficha técnica

**Curadoria:** Rita Fabiana e Jaime Reis com Diogo Marques e Sofia Mendes

**Tratamento de áudio e restauro:** Jaime Reis

**Tratamento de imagem e restauro:** Lupa – Luís Pavão, Ida. e Sónia Casquiço

**Cenografia:** Sofia Mendes (adaptação do projeto cénico de Fernando Calhau para a Galeria de Belém em 1976)

**Músicos:** GMCL – Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com a participação de Ana Castanhito (harpa), Jorge Sá Machado (violoncelo), José Sá Machado (violino), João Pereira Coutinho (flauta), Luís Gomes (clarinete) e Ricardo Mateus (viola d'arco)

**Direção musical e espacialização sonora:** Jaime Reis

**Direção de cena:** Helena Simões

**Coordenação técnica:** João Hora

**Iluminação de cena:** João Cachulo (chefe de equipa), João Marcelo, Jorge Filipe Gonçalves, Pedro Santos e João Teixeira

**Vídeo:** José Gouveia, João Hipólito, Ricardo Silva, Jorge Serigado e Artur Machado

**Som:** Tiago Jónatas, Nuno Silva e João Dionísio

**Montagem de cena:** Ricardo Santana (chefe de equipa), Jorge Gonçalves, Althieris Leal, José António Vasconcelos, Danildo Veloso e Ricardo Junceiro

**Maquinaria de cena:** Leonel Picareta (chefe de equipa), Ricardo Rosa, Tiago Santos e Alexandre Vitorino

## Brochura

**Texto:** Rita Fabiana

**Edição e revisão do texto:** Patrícia Rosas e Ana Teresa Santos

**Tradução:** Kennistranslations

**Design gráfico:** Pedro Leitão

Um agradecimento especial a Isabel Alves.